

um barco nas ondas do mar

- a poesia –

Joaquim Armindo



Tecto de Nuvens

Considerações acerca de um livro de versos e prosas sobre o ontem, o hoje e o porvir de Joaquim Armindo Pinto de Almeida

Este novo livro do meu Amigo de infância, Doutor Joaquim Armindo Pinto de Almeida, para mim e para outros Jovens do Torne “o Armindo”, encarna aspirações à eternidade social que começamos a construir nos anos sessenta do século passado, e em que ainda hoje nos revemos. Com tanto de comum sobre nós, não estranhem que ao que escreveu me refira no plural. Tendo conhecido, convivido e lido alguns poetas da nossa geração – A. da Silva O.; Ademar Costa; António Rua; Danyel Guerra; David Rodrigues; Fernando Peixoto; José Emílio-Nelson; Pedro Barbosa; Ramiro Rio Novo, e tantos outros, ou mesmo das gerações anteriores – Agostinho Gomes; António Lousada; António Porto-Além; Armando Coelho; Aureliano Lima; Ilídio Sardoeira; Fernando Morais; Maria Virgínia Monteiro; Nuno Guimarães; Oliveira Guerra; Silva Ferreira; e também os grandes Albano Martins; Daniel Filipe; Eugénio de Andrade e Sophia de Mello Breyner, ou o popular Escolinha, desde sempre me intrigou esta propensão generalizada para a *Ars Poetica*. Dir-nos-ão que é a tradição greco-latina, presente em muitas outras coisas quotidianas. Mas para nós esse apelo às palavras bronzinas e à declamação da beleza dos conceitos começou logo na escola primária do Torne, onde cedo aprendemos António Nobre (da cotovia), Augusto Gil (da Balada da Neve), Guerra Junqueiro (da Moleirinha, claro) e outros inofensivos rimadores que exibíamos às palmas da assistência na festa escolar. E sabíamos quadras, o *must* daquela arte na versão popular, muito boas para dar vida a fados desgraçadíssimos ou para o concurso do São João promovido pelo *Jornal de Notícias*. Mas o supra-sumo eram os sonetos, à Camões, pois claro, ou os mais neventos à Antero de Quental, com que mimoseávamos os júris dos jogos

florais e concursos literários da nossa juventude. Depois cada um seguiu a sua vida e lá encontramos algures os poetas Pablo Neruda, Bertolt Brecht, Maiakovsky, Vinícius e outros internacionais que nos escangalharam por completo aquelas bafientas oficinas e o *Tim Terlim João Manquinho* das velhas escolas, as poéticas e as outras.

O Armindo já publicou diversos livros, quer de estudos profissionais, quer de crónicas, que mantém assíduas em diversos periódicos, quer de versos. Desta vez andou “a arrumar a casa” para os netos e traz-nos neste seu novo livro um barco com diferentes ondulações, mares da praia de Francelos e de longínquas descobertas íntimas, do «amor profundo do descobrimento», poemas recentes e reavistagem de antigos, nos quais já então despontava o seu omnipresente sentimento religioso; prosas memorialistas do percurso da infância, da guerra, dos amores e do futuro, dele e nosso – apareço nestas suas estórias com outros *compagnons de route*, e se não é essa a mais valia do livro, tal é para nós uma inusitada prenda. Gostaria de vos confirmar que sim senhor, que é verdade o que o autor diz neste livro, que tínhamos uma rua que considerávamos nossa, que nos embasbacávamos com os painéis publicitários em azulejo na avenida principal de Gaia, que aprendemos a geografia e o património locais no mapa do painel central, que íamos acampar para Francelos a pé quando o dinheiro era escasso para o comboio, e que fomos cantar tudo quanto era canção “do contra” para um acampamento da Mocidade Portuguesa onde os nossos fardados colegas do Liceu Alexandre Herculano nos recolheram num dia diluviano. E que um dos nossos colegas de aventuras partia os ovos para fritar depois de lhes fazer um pequeno sulco com um machado. E quantas outras situações em que uma certa poesia esteve sempre presente numa vivência improvisada, mas iluminada pelos valores do farol da nossa escola primária do Torne cuja luz quisemos depois seguir até ao fim do mundo. Desculpem lá estes egoísmos de camaradagens antigas aqui partilhadas com os netos e os seus

leitores desconhecidos, todos com possibilidades de nestas páginas irem «saboreando as nuvens do porvir». Para nós estas vivências são também «a melhor fotografia», a que «fica nas nossas cabeças». Muitas recordações de um natal imorredoiro, com consoadas, presépios, azevinhos, pinheiros, bolas de vidro coloridas, mas também quantos «meninos Jesus sem pão,/ nem abrigo, nem aconchego/ mesmo nos umbrais das igrejas», aquilo a que o autor chama as «asperezas dos presépios». Ou dias mais banais, com «aquela chuva miudinha de domingo/ à noite» em que não nos contentávamos com os últimos êxitos do disco e queríamos mais e mais. Ou os nossos quotidianos onde agora convivemos com «aqueles que podem ser cadáveres,/ dali a momentos» nas ucrânias adiadas.

O autor deste livro, a quem o destino sempre confiou harpas desafinadas, plasma aqui nestas páginas várias melodias em contraponto, lembrando-nos que sempre foi «um construtor da desordem» e por isso neste livro lhe «apetece cantar, os nossos ídolos desavergonhados,/ que riem, batem palmas e curam novos e velhos»

Como escreveu Eça de Queirós, também ele se interrogando acerca da *Ars Poetica*, a poesia «...nasceu com a necessidade de celebrar magnificamente os deuses, e de conservar na memória, pela sedução do ritmo, as leis da tribo. A adoração ou captação da divindade e a estabilidade social, eram então os dois altos e únicos cuidados humanos: - e a poesia tendeu sempre, e tenderá constantemente a resumir, nos conceitos mais puros, mais belos, e mais concisos, as ideias que estão interessando e conduzindo os homens» (Eça de Queirós, *Distrito de Évora*) É por aí que tem seguido o meu Amigo Armindo, baloiçando n' *Um Barco nas Ondas do Mar* que agora deposita nas considerações do olhar da nossa memória, do nosso sentir e do nosso querer.

J. A. Gonçalves Guimarães

numa noite assim

numa noite assim,
em que o verde se confunde com o vermelho,
e a solidão toma de assalto
as capacidades de entender,
e os barulhos são suficientes
no sufoco da amargura da chuva
que faz das caras a esplanada das águas,

numa noite assim,
em que os faróis empalidecem
na rouquidão dos ventos e tempestades,
e faz dos baralhos o rodopio do ciúme
no entendimento das frases estroncadas,
nas leituras embravecidas
dos peitoris das janelas sem pinheiros,

numa noite assim,
e mesmo assim,
o natal estava aí, e na nudez do desespero,
uma face de luz,
teria chegado, nas luminárias dos nossos olhares.

no meu Portugal

no meu país, o coração bate, como as raízes
de um castanheiro,
tanta, tanta, tanta gente, empunha a bandeira do meu país.

são os hospitais, são os médicos, são os enfermeiros,
ai, tanta gente que se dá,
são os técnicos de resíduos,
à porta de cada um,
são os padeiros, são a gente do meu país.

apetece cantar, os nossos ídolos desavergonhados,
que riem, batem palmas e curam novos e velhos.

ai, país de aljubarrota, das guerras coloniais,
de arma a tiracolo ou de máscara sem medo,
país de dentro do peito,
que exalas aloés e mirra,
que cantas a canção desconhecida,
na morte e na vida.

ai, país de são mamede, onde conseguiste
o amor da pátria em construção.
ai, país das desfolhadas, do minho ao algarve,
dos açores e da madeira,
tu, meu país, és o da guitarra, do douro ao tejo,
e do mondego,
que brotas águas nas serras, e borboletas no caminho.
como te amamos, meu Portugal.

das minhas mãos a paz

leitos de formigas passeando, à procura
da vida, do dormir e descansar,
mas o meu pé é mais forte,
esmaga os carreiros do pentecostes,
esmagando a páscoa das amêndoas,
e amendoeiras em flor.

sou um construtor da desordem, das filas certinhas,
e tenho mãos, capazes
de abater qualquer indício de paz.

caminha que caminha, anda que anda,
são os formigueiros,
que lutam com suas mãos,
(as formigas têm mãos!)
o arranque de viver, o sonho do amanhã.

destas mãos, onde nascem os calos,
se cultiva a desordem,
sem parar, sem parar,

se eu fosse formiga, dava as minhas mãos,
às formigas, par a par,
a paz não haveria de se esconder.

A VIDA

A vida
Corre...
Deixá-la correr
Ninguém a pode
...deter.
Na vida
Tive sombras...
Obscurecendo
...e querendo
Tapar o amor.
Tenho Fé!
E isso basta
...Fé!!
Sim, não queiram,
tapar,
Esta riqueza!

Janeiro. 1967

SONETO

Quando passo por essa janela
Meus olhos a fitam, bem abertos
Para ver se a vejo a ela
Do que, eles, estão bem certos

Quando a tua jovem figura
Nela costuma aparecer
Vejo logo que és pura
E que és todo o meu ser

Os meus lábios, baixinho, mexem
Pedindo ao Eterno a bênção
A bênção da junção e união

Meus olhos não se cansam de contemplarem
A tua majestosa e simples figura
Essa figura que p'ra mim é doçura.

Dezembro/Janeiro. 1966-1967

PRECE

Na sombra tímida da noite oro,
Por nosso amor, minha bem-amada
Elevo a minha prece em coro
Ao Criador visto eu não ser nada

Ponto por ponto, elas vão ressurgindo,
Ricas promessas que Ele me faz
Uma a uma, elas vão surgindo
Como um manancial rico em paz

Faz que nos amemos, meu Senhor Deus,
E das orações que eu lhe dirijo
E meu Deus responde: não tens perigo.

Esses olhares que te dei são teus,
Toma-os e abençoar-te-ei
E tu dirás que nunca parei.

O AMOR

O meu coração
Bate, dilacerado
E, sempre a oração
Forte e resignada
Ao trono de Deus,
Sobe ligeira,
Pensando nos teus
Olhares de ginjeira,
Pensando nos teus
Olhares de ginjeira.
Não sei, não posso saber
Pois tens um sabor
Que não posso compreender;
Teus olhares turvam,
O meu pensar
Eu, só quero mar
Como tantos de amaram.

Dezembro.1966

escrever

escrever é como nadar sem nada a cercar-nos. ouvir e gritar as mães e os pais das crianças mortos dia após dia.

mas escrever é falar desta dor sem remédio no farmacêutico.

por isso faz bem pisar as flores do caminho. e nem reparamos porque andamos sem norte. os relógios de ponto não são nortes.

e se o dinheiro nos desse a coragem de possuímos só e só o amor, então o trabalho era amar. mas amar sem fronteiras e sem redes a dividir as ruas dos passeios.

assim constatamos que aqui: o sujo os papeis os feirantes os possuidores não fazem florir as estradas.

a esperança cheira a maio porque maio é depois de abril e tem rosas. a esperança é feliz desespero onde encontramos a vida.

a vida desta SEPSA em maio de 83.

Índice

Prefácio	7
olá, james	11
se eu pudesse agarrar a lua	12
deu-me para aqui	13
deu-me para aqui	14
e chegou a estória	15
nos musgos e arrozais	16
sabes	17
as estrelas do natal	18
eis pinhais de mim mesmo	19
eis o inverno da madrugada	20
neste dia	21
fui ali e vim dali	22
numa noite assim	23
sobre ti e sobre mim	24
as minhas férias são Portugal	25
nos bacalhaus escondidos	26
a sede que eu senti	27
(as folhas) num só apelo	29
saber viver	30
(parece que este poema é sobre a felicidade)	31
se tu souberes ir a direito	32
as três floritas	33
num rio de esperança	34
este é um poema sem amarras	35
na areia de uma praia qualquer	36
adormeci eram quatro da manhã	37
um cheirinho a natal	38
apanhei-te ó consoada	39
sabias das bolinhas de vidro?	40
numa noite de luar	41
no meu Portugal	42
no meu caminho	43
neste fumo da fogueira	44
estava eu sentado, para não fugir	45

nas minhas mãos, as tuas mãos	46
no meu bolso o sol	47
cortar o bico ao rouxinol	49
quando o sorriso volta	51
quero as velas	53
desta janela	55
neste lampião da rua sem saída	56
num campo	57
das minhas mãos a paz	58
caem as folhas	59
uma abelha com amor	61
um rio sem água	62
numa noite de brilho	63
nas castanhas do braseiro	64
se eu for aonde	65
caminhar na vida	66
onde parece a luz	67
saberes viver	68

POEMAS 1963 A 1971

POEMA PARA O AMOR CONTRUÍDO POR ENTRE OS DEDOS DAS NOSSAS MÃOS	71
CSAIP	73
A VIDA	74
MELHORES DIAS	75
PROBLEMA	76
DESENROLAR	77
SONETO	80
ESTE É O SEGUNDO POEMA DIRIGIDO À FLOR COM NOME	81
canção	82
TEUS OLHARES	83
DIA CULMINANTE	84
PUREZA	85
PRECE	86
AMOR SINCERO	87
OLHARES DE TENTAÇÃO	88
É TRISTEZA	89

nos musgos e arrozais

nos musgos e arrozais,
dos nossos querereres, crescem as asperezas
dos presépios,
nas formas de encontrar o natal, da vida,
dos pastores e das gaitas de foles,
deslizando por entre os dedos, com que,
o amor nasce dos homens e mulheres,
das crianças, também,
na harmonia dos búzios e cantatas da luz,
nos corações nossos.